





# QUEM DESLOCA TEM PREFERÊNCIA



ensaios  
sobre  
futebol,  
jornalismo  
e literatura

**MARCELINO RODRIGUES DA SILVA**



© Relicário Edições  
© Marcelino Rodrigues da Silva

CIP –Brasil Catalogação-na-Fonte | Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

S586q

Silva, Marcelino Rodrigues da.

Quem desloca tem preferência: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura / Marcelino Rodrigues da Silva. – Belo Horizonte: Relicário, 2014

292 p. : 14 x 21 cm

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-66786-08-8

1. Ensaio brasileiro. 2. Futebol - Brasil. 3. Jornalismo e literatura.  
I. Título.

CDD-B869.93

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maíra Nassif Passos  
SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO Pedro Henrique Trindade Kalil Auad  
PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO Ana C. Bahia  
REVISÃO Lucas Morais

CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Horta Nassif (UFMG)  
Ernani Chaves (UFPA)  
Guilherme Paoliello (UFOP)  
Gustavo Silveira Ribeiro (UFBA)  
Luiz Rohden (UNISINOS)  
Marco Aurélio Werle (USP)  
Markus Schäffauer (Universität Hamburg)  
Patrícia Lavelle (EHESS/Paris)  
Pedro Sussekind (UFF)  
Ricardo Barbosa (UERJ)  
Romero Freitas (UFOP)  
Virgínia Figueiredo (UFMG)

RELICÁRIO EDIÇÕES

[www.relicarioedicoes.com](http://www.relicarioedicoes.com)  
[contato@relicarioedicoes.com](mailto:contato@relicarioedicoes.com)

**7** apresentação

**11** nota do autor

**PARTE 1: um jogo é um jogo é um jogo**

**15** cidade esportiva / cidade das letras

**33** futebol brasileiro, invenção modernista

**49** toda a memória do futebol brasileiro

**61** 1932, o ano que deu samba, carnaval e futebol

**73** Fausto na Espanha: futebol, identidade e exílio

**81** o corpo arquivado do craque de ébano

**PARTE 2: jogando em casa**

**101** picadinho de Raposa com sopa de Galo

**127** Macarrão Preto: futebol e identidade no Brasil

**139** a Massa faz 100 anos: futebol e sociedade em Belo Horizonte

**149** notícias do futebol: a imaginação a serviço do esporte

157 a cidade dividida nas charges de Mangabeira

### **PARTE 3: mesa redonda**

173 ao vivo e em cores: a experiência midiática do esporte

185 a crônica de futebol e a imaginação do torcedor

191 virada de jogo na imprensa esportiva

205 o país do futebol nas páginas da imprensa esportiva

217 o futebol como drama em Nelson Rodrigues

### **PARTE 4: outros campos**

231 futebol, metonímia da vida

237 nas margens do futebol, a literatura (e vice-versa)

255 batendo bola, tecendo a vida

263 desafinando a metáfora da nação

273 a radicalidade do esporte

285 **pós-escrito:** o que foi feito do país do futebol?

286 **sobre o autor**

# apresentação

A importância do futebol para o Brasil é inversamente proporcional à quantidade de estudos dedicados a esse esporte, considerado, tanto por nós quanto pelos estrangeiros, um dos pilares da identidade brasileira. Desde que Charles Miller importou o futebol da Inglaterra para o Brasil, no final do século XIX, o jogo tomou uma proporção na sociedade que não condiz com o espaço que pesquisadores, artistas e escritores dedicaram ao esporte. O mesmo pode ser dito a respeito de diversas manifestações populares e da cultura de massa que não encontram no meio acadêmico-artístico-cultural sua tradução.

Esse cenário, entretanto, começou a mudar nos últimos anos, quando diversas publicações e estudos, além de manifestações artístico-culturais, passaram a dar atenção para essas áreas tantas vezes negligenciadas. As razões para essa omissão são várias e, talvez, a mais difundida seja a máxima “o futebol é o ópio do povo”, que exprime a opinião daqueles que percebem no esporte bretão não mais do que uma “fuga da realidade” e dos “problemas de verdade”.

O combate a esse posicionamento pode ser visto como a preleção deste belo livro de Marcelino. *Quem desloca tem preferência* faz um drible no senso comum sobre a história e a importância do futebol na sociedade brasileira. O que temos aqui não é uma simples narrativa histórica do futebol ou mesmo uma análise que vai de encontro a opiniões tão difundidas no imaginário intelectual, mas a complexificação do fenômeno futebolístico em nosso país – e isso é uma primeira importância deste livro.

As contradições e os paradoxos dos objetos, que muitas vezes tentam ser escamoteados nos trabalhos teóricos, são aqui ressaltados para que se examine a fundo várias facetas dos discursos futebolísticos. É como se Marcelino perseguisse a máxima de Mikhail Bakhtin<sup>1</sup>, quando esse teórico russo afirma que “em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios”. Marcelino não é um goleiro com medo diante do pênalti – recorrendo ao nome do filme de Wim Wenders –, mas aquele que sabe que, quando se aventura a analisar um jogo que ocorre entre quatro linhas, tudo pode acontecer. Nesse sentido, o livro irradia a própria magia do futebol por abordar algumas das possibilidades infinitas que esse esporte oferece.

O esquema tático do livro foi montado em quatro blocos que, obviamente, são intercambiáveis e dialogam intensamente entre si. Enfim, é uma tentativa de fazer com que o time jogue sem buracos em campo, um esquema em que o goleiro liga o jogo até o ataque, passando pela defesa e pelo meio de campo. A primeira parte, “Um jogo é um jogo é um jogo”, trata de questões do futebol brasileiro de maneira geral, perpassando por ligações entre o futebol, as letras e as artes, o futebol e o Modernismo, futebol e identidade, futebol e sua memória. Marcelino descontrói, nesse conjunto de textos, velhos preconceitos e ideias mofadas para ventilar uma nova abordagem sobre esse jogo, que se mostra, especialmente

8

no nosso país, mais do que uma simples disputa entre duas equipes.

Na segunda parte, “Jogando em casa”, a atenção se volta para a cidade de Belo Horizonte, onde a rivalidade entre o Atlético Mineiro e o Cruzeiro se torna o eixo para se discutir as diversas ideias modernizantes do Brasil, a construção identitária da capital mineira e a elaboração da memória inventada das duas torcidas. Esse último ponto pode ser apreendido através do trabalho de Mangabeira, que criou as mascotes

---

1. BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: HUCITEC Ed., 2012, p. 49.

não só dos times de Belo Horizonte, mas também de Minas Gerais. A publicação deles, principalmente no jornal *Estado de Minas*, ao passo que se baseou nos ideais de cada clube e sua torcida, construiu também sua própria caracterização.

Essa importância dos jornais para a construção da ideia de futebol no Brasil, pois, é o foco da terceira parte, “Mesa redonda”. Nela, Marcelino exibe um panorama de como os jornais cariocas, em especial a figura ímpar de Mário Filho, ajudaram a construir a ideia de futebol no Brasil. Aqui, discute-se também a relação entre o torcedor, o jornal, a televisão, o rádio e a literatura, dinamizando os discursos que permeiam esse esporte. A última parte, “Outros campos”, deixa transparecer, ainda mais, os diversos fios que ligam o esporte a outros campos da nossa vida. O cinema, a literatura e até outros esportes, como o *surf*, aparecem para que se fomente a ideia de que o futebol é, também, uma construção discursiva.

A fluidez da escrita do autor é outro ponto para conquistar a torcida, até mesmo a adversária. É raro ver um trabalho acadêmico no qual é empregada uma linguagem tão acessível e envolvente, sem prejudicar em nada o conteúdo, como é o caso deste. A trama articulada por meio das palavras desenvolve aquela atração presente em todos os grandes clássicos.

A partir dessa escrita, a coerência entre os diversos textos aqui apresentados também merece destaque. Poucas vezes é possível ver um time jogando com a consistência que encontramos aqui. Quer se fale da história de Pieruccetti, quer se fale dos arquivos construídos a partir das imagens dos negros nos jornais, Marcelino parte para o ataque com a convicção de muitos dos nossos maiores goleadores. É um gol atrás do outro, fazendo com que este livro já tenha o espírito vencedor daqueles que ousam ver além do que já é reconhecido.

Pedro Henrique Trindade Kalil Aua  
Belo Horizonte, abril de 2014